

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de Notícias Class.: Garimpo 107

Data: 15/01/86 Pg.: _____

Funai Provoca Mistério no Massacre Dos Tukano

A dificuldade de acesso à Serra da Traira, na região de Pari-Cachoeira, Amazonas, provocou um mistério que já ultrapassou as fronteiras brasileiras: um possível massacre de índios tukano, que teria ocorrido há uma semana, com 70 mortos, dos quais onze crianças. Os responsáveis pelo massacre, segundo denúncia do líder tukano Benedita, seria a empresa de mineração Paranapanema, que tem concessão de lavra na área. Confirmado ou não o massacre, o Brasil voltou às manchetes europeias, onde, no último domingo, a TV francesa Canal 2, noticiou o massacre, com destaque de 15 minutos, e o jornal "Libération", que circulou ontem, em Paris, traz três páginas sobre o assunto.

Em Brasília, a Funai desmente a notícia. Em entrevista concedida, o diretor do Departamento de Assistência Indígena, José Carlos Alves, disse que "não houve mortes", registrando, entretanto, que há mais de cem garimpeiros na área, que estão sendo retirados em aviões da Funai.

José Carlos Alves informou que a retirada dos garimpeiros está sendo feita por dez agentes da Polícia Federal, oito funcionários da Funai e um assessor da superintendência do órgão. Ele confirmou que a equipe está "encontrando resistência dos brancos, por parte dos financiadores da operação de invasão" sem, entretanto, dizer quem está financiando essa operação.

VERSÕES

Os primeiro rumores sobre o massacre chegaram a Brasília na última quinta-feira, dia 9 de janeiro, através de um telefonema de Manaus, feita pelo líder Benedito, que

conversou com Alvaro Tukano, coordenador da União das Nações Indígenas. No dia seguinte, o Deputado Artur Virgílio Neto, ex-líder do Governo na Câmara, num documento encaminhado à Presidência da República, faz denúncia sobre as mortes, afirmando que 60 tukanos haviam sido massacrados.

No dia seguinte, Alvaro Tukano, em audiência com o presidente da Funai, relatou a tensão na área, onde quatro mil índios estão entinchelrados para defender o território contra 600 homens que desde o Natal chegaram a Pari-Cachoeira. Alvaro disse ainda que esses homens não eram garimpeiros e sim pistoleiros contratados por empresas mineradoras. Na ocasião, ele denunciou a Paranapanema, cujo proprietário é Otávio Lacombe, e a Gold Amazon, que conta, entre os sócios, com a presença de Tomé Raposo, irmão do Governador Gilberto Mestrinho, do Amazonas.

Na tarde do dia 10, a Funai dava o primeiro desmentido sobre o possível massacre, informando que "não recebera qualquer notícia sobre morte de índios". No último domingo, entretanto, a denúncia foi engrossada com acusações feitas pelo professor Paulo Monte, da Universidade Federal do Amazonas, e pelo deputado estadual João Pedro Gonçalves. A partir daí o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), tentou confirmar as denúncias esbarrando num obstáculo: não há qualquer meio de comunicação entre postos de radiofonia existentes na área pertencem à empresas Paranapanema que, obviamente, não cede seu sistema de comunicação

para o Cimi, porque vem sendo frequentemente acusada por essa entidade.

Ontem, mais uma vez, o Cimi tentava obter confirmação através do posto de radiofonia mais próximo de Traira, e controlado por missionários salesianos. Até à noite o rádio ainda não havia entrado no ar.

EMPRESAS
A Paranapanema, segundo denúncia dos missionários e informações do assessor da superintendência dessa empresa, Ary Macedo, tem recorrido às firmas de "segurança rural" (ou milícias de aluguel, como chamam os antropólogos). Na região de Traira, há cinco meses, a firma Sacopã foi contratada pela Paranapanema para expulsar garimpeiros que lavravam na área controlada pela empresa mineradora.

A Sacopã foi projeto de reportagem recentemente, de uma revista. Na matéria, o executivo da firma, Tadeu Abraão Fernandes, tenente reformado do Exército, confirmava os trabalhos feitos para a Paranapanema, informando ainda que a Sacopã, com escritório em Manaus, tem entre os sócios o coronel reformado do Exército, Antonio Fernandes, ex-comandante da Polícia Militar de Rondônia e o coronel da ativa, Toledo Camargo, que, na época, ocupava o cargo de chefe da polícia do Comando Militar da Amazônia. Criada há quatro anos, a Sacopã, segundo Tadeu Fernandes, tem autorização para seu funcionamento para até 400 homens armados.

Na área onde teria ocorrido o misterioso massacre é assistida unicamente pela missão protestante americana, Novas Tribos do Brasil, que conta com 43 missionários.